

Natação reabilita crianças

Centro ajuda deficientes a superar seus problemas

Nelson Jr.

Na piscina do Sesc-DF, na 913 Sul, crianças com deficiência física e mentais recebem duas vezes por semana um atendimento individual, com aulas de natação. Desenvolvido pelo Centro de Reabilitação e Estudo da Criança Especial (Crece), o projeto está cada vez mais conquistando a confiança dos pais das crianças.

A iniciativa de dar aulas de natação para crianças especiais partiu do professor de educação física Alberto Jorge Rocha da Silva. Ele trabalhava numa academia de natação que, por conta de um abaixo-assinado de pais de alunos, retirou das aulas um portador de deficiência mental. Em 1982, Alberto Rocha decidiu sair da academia e começou o trabalho em piscinas que arrendava, até conseguir um espaço no Sesc.

O Crece existe desde 1989, funcionando no próprio Sesc. Além do professor Alberto Rocha, a equipe conta com mais seis professores que atendem os alunos individualmente na piscina, todas as terças e quintas. Num total de 60 alunos, cada aula dura 40 minutos. São atendidas pessoas portadoras da Síndrome de Down, com paralisia cerebral, acidentados com seqüelas mentais e também com deficiências físicas.

Integração — Alessandra Brochado, professora de educação física com pós-graduação em educação física especial, trabalha no projeto há nove anos. Ela explica que a primeira etapa é uma entrevista com os pais dos alunos para discutir a expectativa da família com relação a natação. “Numa segunda fase, é feita a integração do aluno com o professor e só depois desse entrosamento é que começam os exercícios na piscina”, explica



Piscina dá apolo à terapia

Alessandra.

“Nosso trabalho começou para ceder um espaço ao deficiente para ele aprender a nadar, mas acabou virando uma terapia”, diz o professor Alexandre Resende, que trabalha na equipe desde 1986 e também dá aulas no Centro Integrado de Ensino Especial. Alexandre destaca que hoje o principal objetivo do Crece é a estimulação psicomotora. “Integrar o aluno para que ele seja capaz de participar de atividades com crianças normais, também é a nossa intenção”, diz Alexandre Resende.

Medalha de ouro — Liane Martins Colares, de 31 anos, tem síndrome de Down e é um exemplo de sucesso entre os alunos do Crece. “Ela faz natação há sete anos, antes disso ela tinha um trauma que não entrava na água de jeito nenhum”, diz a mãe de Liane, Marilei Colares. Liane se desenvolveu tanto na natação que atualmente treina na piscina do Defêr e foi medalha de ouro nas Olimpíadas Especiais, em 1990, nos Estados Unidos.